



ID: 123916721

01-05-2026

IMAGEM & POLÍTICA

46

AS CORES POLÍTICAS

DE QUE SE PINTAM OS CABELOS

Getty Images

ID: 123916721

01-05-2026

Querem-se compridos, lisos ou ondulados, e preferencialmente entre o loiro e o castanho. Tendências nunca são apenas tendências. São sintomas de mudança numa sociedade, produto de influências económicas e de interesses políticos, cujos sinais se veem na beleza, no cabelo. E quem está a puxar os cordéis do *lobby* da beleza? Por: Joana Stumpo

Alysa Liu pisou no gelo olímpico este passado fevereiro com a ousadia representativa de uma geração e a promessa de abalar o cânone clássico da patinagem artística. Num desporto ainda muito marcado por uma feminilidade convencional – só em 2004 deixaram de ser obrigadas a usar saias nas competições –, o cabelo à guaxinim da norte-americana foi, desde o primeiro momento, um romper com a tradição. Ausente da patinagem durante quase três anos, ocupada a ser adolescente e a viver além dos treinos, Liu voltou em força com três aros descolorados ao longo do cabelo castanho. Saiu dos Jogos Olímpicos com a medalha de ouro e o recém-adquirido estatuto de *it girl*, sujeita ao escrutínio da opinião pública. Para muitos, o cabelo inventivo fez-se símbolo de identidade, da audácia de querer quebrar as regras da normatividade. E para outros, apesar da moda excêntrica com que se exhibe, Alysa Liu é tida como um exemplar caso de patriotismo. Filha de pai chinês fugido do regime comunista, o discurso *online* das fações de direita faz desta narrativa um caso de sucesso de imigração, bem como um exemplo da luta contra a esquerda política – ainda que seja esse o pendor assumido pela própria patinadora. De um lado ou de outro do espectro, deixou a internet em êxtase, revelando que se calhar não é só na patinagem que a beleza está a resvalar para o normativo. Aliado ao *piercing smiley* e à aura de despreocupação plena (ou, como lhe chama a *Vanity Fair*, a estética de “não quero saber”), o cabelo de Alysa Liu tornou-se sinal da contracorrente, particularmente na perspetiva macro das tendências e dos fatores políticos que as ditam.

Nos Estados Unidos, um estudo de abril do ano passado revela que mais de metade da população inquirida

nunca teve o cabelo pintado. Segundo a divulgação da YouGov, empresa internacional de análise de dados, apenas 22% já tiveram o cabelo pintado de uma cor não convencional. Vai longe a era dos pastéis, do reinado de “King” Kylie Jenner e das suas alucinantes mudanças entre cor-de-rosa, azul e pontas mergulhadas em tinta turquesa. Foi há uns longos cinco anos que Billie Eilish deixou de oscilar entre o descolorado platinado e tantas outras cores que sabemos não lhe terem crescido do couro cabeludo. São tendências, modas. Vão e vêm como se de um ciclo da natureza se tratasse. A moda, contudo, não é arbitrária. Depende, segundo João Manuel de Oliveira, professor de Psicologia Social do ISCTE, “de uma série de fatores que não são apenas estéticos”. Ou, nas palavras da autora e socióloga Cristina L. Duarte e citando a máxima feminista dos anos 60, “o pessoal é político”. Pintar ou não pintar o cabelo é uma questão que pode ir muito além de uma escolha íntima, de preferências pessoais. Corresponde, primeiro, às tendências que, por sua vez, podem refletir inclinações políticas, tanto a nível individual quanto a nível... nacional. E os Estados Unidos da América são, mais uma vez, um ótimo caso de estudo.

Passando os olhos pelos mais relevantes acontecimentos mediáticos relativos a cabelos, há, pelo menos, dois grandes eventos a reportar e, por acaso, ambos têm origem em séries: *Love Story* e *The Secret Lives of Mormon Wives*, esta segunda com alguma senioridade. O TikTok já as tinha levado para a ribalta, mas o *reality show* foi o empurrão necessário para que espalhassem a boa palavra além do continente americano. É que, para determinado público, estas protagonistas são apenas o veículo pelo qual chegou o termo “Utah curls” – o método de ondular o cabelo,

ID: 123916721

01-05-2026

deixando as pontas lisas. E à boleia da moda, vem uma doutrina política e religiosa muito pouco discreta, não estivesse estampado no nome da série. Quem arranja o cabelo à *la Utah* são *tradwives*, mulheres que assumem o papel tradicional de género de cuidadora da casa e da família, além de serem praticantes de uma religião conservadora segundo a qual se abstêm de fumar, beber álcool, cafeína e teína (em detrimento de enormes refrigerantes com xaropes de açúcar reforçado). *Love Story* não deixa de ter uma afiliação política menos evidente, apesar de se afastar deste conservadorismo moderno. Tendo como protagonistas John F. Kennedy Jr. e Carolyn Bessette-Kennedy, recupera um ícone que, num curto espaço de tempo, marcou a cultura nova-iorquina e ainda hoje se mantém como mestre do minimalismo dos anos 90. O loiro Bessette – como está a ser apelidado – já é apontado como uma das tendências do momento. Um dourado nascido de uma base capilar acastanhada que se vai tornando cada vez mais claro, acompanhando a ascensão da fama da publicista. A *clean girl* original vestia-se de maneira sóbria, não usava joias e maquilhava-se sempre de maneira discreta (à exceção do ocasional batom vermelho). Um princípio de *quiet luxury*, mais cabelos compridos – sejam loiros ou castanhos –, mais o tradicionalismo das donas de casa que são as *Mormon Wives*, dá aquilo a que João Manuel de Oliveira chamaria a “imagem de uma feminilidade construída como natural”. Para o psicólogo, o conservadorismo pode traduzir-se numa “ideia de *back to nature*”, que, esteticamente, se pode encontrar, por exemplo, em “menos maquilhagem, menos cores, como uma forma de dissimular essa coisa natural”. Sim, dissimular. Afinal, “não há nada menos natural que a feminilidade, porque ela é todo um processo de criação de um artifício”.

O corpo, a roupa, o cabelo, são todos elementos mediante os quais se comunica com o mundo exterior. Optar por determinado estilo ou tendência é “produzir sentido” através de um “pressuposto semiótico”, explica o psicólogo. Tudo tem significado, por mais inócuo que possa aparentar. E, segundo Cristina L. Duarte, “o cabelo também vinca uma determinada posição. Há uma forma de a silhueta feminina se comportar no espaço público, e isso inclui a cabeça”. No que toca a afiliação política, o modelo da mulher de direita parece ir ao encontro da filosofia *back to nature* de que Oliveira nos fala: nada de cores não naturais e privilegiar comprimentos longos. Aliás, a YouGov questionou os norte-americanos sobre as suas preferências e a maioria prefere ver mulheres de cabelo médio ou

comprido. 32% dos democratas gostam mais de cabelo comprido e, na faixa republicana, esse valor sobe aos 40%. No passado setembro, o *The New York Times* respondeu ao crescente número de mulheres a adotar esse comprimento, lembrando que reflete “não apenas conservadorismo, mas a apresentação das *tradwives*”. Na História recente, a mulher que usa um corte de cabelo curto, como quem o cortou à *la garçonne* nos anos 1920, fá-lo como “uma afirmação”, segundo Cristina L. Duarte, de quem “sai à noite” e vive um estilo de vida “boémio”.

Mais do que o comprimento, a cor pode apontar para um lado do espectro político de forma mais inequívoca. Num artigo do ano passado, o *Jornal de Estudos da Direita* da Universidade de Berkeley analisou os ideais de beleza associados a esse pendor político, esclarecendo que, “para a direita, o feio significa ter cores de cabelo não naturais” e que “a mulher de cabelo azul é um ícone do feminismo moderno”. Já em 2017, o *The Cut* olhou para a *Fox News* – canal de notícias americano tendencialmente republicano – e para as *pivots*, na sua larga maioria loiras, de um “loiro Fox que é manifestamente não natural, menos loiro *sexy* e mais loiro seguro, à matrona”. Falar da associação entre política de direita e cabelos loiros é inevitável e lamentavelmente falar de Sydney Sweeney e dos seus “ótimos genes”. A referência é de um anúncio da marca American Eagle, que pôs a atriz-sensação em calças de ganga – imagem sobre a qual um narrador anuncia que “Sydney Sweeney tem ótimos *jeans*”. Só que, em inglês, a pronúncia da palavra “*jeans*” é idêntica a “genes”. Não demorou até que a internet fosse tomada de assalto pela alegada mensagem de supremacia branca por trás desta publicidade. E, em vez de se demarcar da possibilidade, a atriz optou pelo silêncio, deixando que fosse o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a aprovar a narrativa: “Sydney Sweeney, uma republicana registada, fez o anúncio MAIS SENSUAL”. Há, aliás, quem tenha feito esta associação entre política e tendências de beleza para prever a eleição do republicano em 2024. Elysia Berman, criadora de conteúdo e diretora criativa em Nova Iorque, deixou o presságio no TikTok, avisando que modas como os “Utah curls” e cabelo de cores *latte* eram indicadores da ascensão da direita: “Toda a gente está a pintar o cabelo da sua cor natural, a abdicar de ‘fases alternativas’ e a renegar qualquer tipo de individualidade”.

Na regra que dita que o belo é o (de aspeto) natural, há uma grande exceção, como explica João Manuel de Oliveira. “Esse natural para as mulheres negras não é nada a mesma coisa que para as pessoas brancas. Espera-se que

ID: 123916721

01-05-2026

as mulheres negras alisem o cabelo.” Porque, no contexto americano, “a afro é muito conhecida, entre as comunidades negras, como natural”, embora não se fique por esse estilo. Como, aliás, a atriz Cleo Diára já disse à *Máxima*, “o cabelo de uma mulher negra pode transformar-se em muitas outras coisas”. Desfilou no Festival de Cinema de Cannes com um penteado de tranças, já que “esse trabalho é uma forma de honrar a ancestralidade”, explicou a cabo-verdiana. São escolhas que não só contrariam a tendência generalizada, mas que, nas palavras do psicólogo do ISCTE, constituem elementos “muito afirmativos numa sociedade tão racista quanto a nossa”. Ainda que a voga de inspiração natural dite que o cabelo é para se usar comprido, liso ou ondulado e de cores convencionais (mesmo que isso signifique pintá-lo), é garantido que nem todos vão seguir na mesma direção. Afinal, diz Cristina L. Duarte, “qualquer que seja o regime que se nos configura ou a agenda política mais atual, existe sempre alguém a romper”. Se a moda é seguir princípios puritanos e apoiar os crescentes movimentos de direita, então usar a tradição negra na cabeça e descolorar anéis de cabelo constitui uma oposição – à tendência, à normatividade e aos pendores políticos e económicos que detêm o *lobby* da estética feminina. ●

A MODA, CONTUDO, NÃO É ARBITRÁRIA